

071

**A COMUNICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO AO PACIENTE TERMINAL.** *Paula Kegler, Maúcha Sifuentes dos Santos, Luciana Diniz Lima, Jane Costa, Alberto Quintana (orient.)* (UFSM).

A luta das equipes de saúde pela vida do paciente faz com que fique esquecido quando chega a um estágio terminal. A equipe de saúde demonstra dificuldades de comunicação com esses pacientes pelos quais se acredita já não existir nada mais a fazer, visto que a forma adotada para tratar a morte é colocá-la no lugar da exclusão e do silêncio. Objetivou-se identificar quais são os critérios utilizados pela equipe médica para classificar um paciente como terminal e conhecer quais sentimentos gerados face ao morrer são referidos pela equipe de saúde. Para tanto, optou-se por uma abordagem qualitativa, visto que a pesquisa baseia-se numa compreensão de significados. Foram realizadas observações e entrevistas semi-estruturadas com médicos e enfermeiras dos setores de Infectologia e Oncologia do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). Verificou-se que quando o paciente é identificado como terminal, esse diagnóstico é comunicado à família e não ao paciente. Esta parece uma alternativa adotada pela equipe para iludir-se da existência de dificuldade em comunicar o diagnóstico ao paciente terminal, na esperança de que a família se encarregue de fazê-lo. A equipe mostra que se o paciente não pergunta é por que não quer saber. Mas, a idéia de não contar porque o paciente não quer saber, faz com que o profissional se sinta liberado de sua responsabilidade de comunicar o diagnóstico. A equipe refere que o paciente que não pergunta tem uma certa consciência de sua morte, ou seja, não se comenta sobre sua situação, pois o paciente já sabe dela. A dificuldade da comunicação do diagnóstico ao paciente terminal pode estar, portanto, relacionada ao fato de que o profissional em saúde, ao informar alguém da morte de parentes e amigos, confronta-se de modo inevitável com as suas próprias convicções, anseios e significação da morte. (Fapergs).